

As solenidades de carácter jornalístico em *Jornalismo* (1967-1971), publicação do Sindicato Nacional dos Jornalistas¹

Patrícia Oliveira Teixeira

Doutoranda pela Universidade Fernando Pessoa
patriciaoliveirateixeira@gmail.com

Resumo

Este trabalho teve por objectivo descrever, através de uma análise qualitativa do discurso, os conteúdos sobre solenidades de carácter jornalístico em *Jornalismo*, publicação do Sindicato Nacional dos Jornalistas (1967-1971), determinando: (1) de que forma nesta publicação se falou sobre as solenidades de carácter jornalístico; e (2) quais os enquadramentos simbólicos construídos discursivamente nesta publicação sobre esses mesmos eventos.

Palavras-chave

História do jornalismo, jornalistas, solenidades de carácter jornalístico.

1 Introdução

No período compreendido entre 1967 e 1971, o jornalismo atravessou várias transformações e encetou por um caminho rumo à modernização (CABRERA, 2006; CORREIA e BAPTISTA, 2007; CUNHA, 1941; SOBREIRA, 2003, 2010; SOUSA, 2009a, 2009b, 2010; VALENTE, 1998; VERÍSSIMO, 2003). Não obstante todas estas modificações, desde cedo (1880) os jornalistas portugueses revelaram um sentido gregário, fundando várias

¹ Pesquisa apoiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia e com co-financiamento da União Europeia através do QREN, programa COMPETE, fundos FEDER. Projecto PTDC / CCI-JOR/100266/2008 e FCOMP-010124-FEDER-009078.

organizações representativas da sua classe. A instituição do Sindicato Nacional dos Jornalistas (SNJ), em 1934, veio dotar a classe jornalística portuguesa de um organismo sindical com relativa representação, pese embora a sujeição a que a corporação ainda tinha de se submeter, devido aos constrangimentos à liberdade de imprensa impostos pelo regime ditatorial. Anteriormente, já se havia registado algumas tentativas de agregação por parte dos jornalistas portugueses (ou daqueles que se consideravam como tal), em organizações profissionais² e mesmo num sindicato³, mas, a partir do momento em que nasceu, o SNJ passou a ser a única entidade representativa da corporação permitida pelo Governo (CUNHA, 1941, p. 35 e 36).

Em 1967, numa altura em que o jornalismo assistia a uma modernização e atravessava uma fase de grandes mudanças⁴, com a introdução de novas formas de o conceber e de o praticar – o que já se vinha a fazer sentir desde 1956 (CORREIA e BAPTISTA, 2007, p. 23), e com a luta pelo fim da censura a começar a subir de tom⁵ (CABRERA, 2006, p. 105), o SNJ começou a publicar *Jornalismo*, periódico que viria substituir o antigo e extinto *Boletim* e que, de forma não contínua, se foi publicando até 1993⁶.

Este trabalho tem por objectivo procurar perceber qual a conceptualização que os jornalistas portugueses faziam das solenidades jornalísticas e qual a intenção da sua publicação nos periódicos em estudo. Para o efeito, a partir de uma leitura flutuante, mas sistemática, das publicações periódicas em causa, recolheram-se e interpretaram-se excertos de texto elucidativos, na linha apontada por Sousa (2006, pp. 343-376) para a análise qualitativa do discurso.

² Alfredo da Cunha (1941, p. 34) referencia as seguintes: Associação de Jornalistas e Escritores Portugueses, 1880; Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 1882; Associação dos Jornalistas (de Lisboa), 1896; Associação da Imprensa Portuguesa, 1897; Associação de Classe dos Trabalhadores da Imprensa (de Lisboa), 1904; (2ª) Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses, 1907; Casa dos Jornalistas, 1921.

O mesmo autor refere, ainda, que tiveram existência efémera ou não passaram da fase de congeminção a Associação dos Escritores e Jornalistas Portugueses, de 1925; a Sociedade de Homens de Letras, de 1870; a Sociedade dos Escritores Portugueses, de 1926; e outras associações que também admitiam jornalistas.

³ Refere Alfredo da Cunha (1941, p. 34) o Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, de 1924.

⁴ Assistia-se a um rejuvenescimento da classe, a uma maior qualificação dos profissionais, a uma feminização das redacções e a uma ligeira evolução tecnológica na forma de fazer jornalismo. (CORREIA e BAPTISTA, 2007; SOUSA, 2008)

⁵ A substituição de Salazar por Caetano criou, na grande maioria dos jornalistas portugueses, elevadas expectativas quanto ao fim da censura, sendo visto como algo inevitável (CABRERA, 2006, p. 107).

⁶ Nesta investigação, interessam os números saídos até 1974, sendo que foram analisados os boletins de 1967 a 1971, já que entre 1971 e 1974 nenhum foi publicado.

2 As solenidades jornalísticas em *Jornalismo*, periódico do Sindicato Nacional dos Jornalistas (1967-1971)

O discurso sobre as solenidades jornalísticas, como homenagens e entrega de prémios a jornalistas ou a publicações jornalísticas e datas festivas das mesmas, ou ainda lembranças de personalidades do jornalismo já falecidas e às quais se quer prestar tributo, foi tema em muitas das peças do periódico *Jornalismo*, do Sindicato Nacional dos Jornalistas, publicado 22 anos após o *Boletim* editado por esta mesma entidade.

Em Abril de 1967, no primeiro número de *Jornalismo*, assinalam-se dos 46 anos do *Diário de Lisboa*. Através das palavras do seu director, Dr. Norberto Lopes, é feita uma breve resenha daquilo que foi o vespertino lisboeta, deixando antever um futuro auspicioso para o mesmo, dada a sua fidelidade a uma linha muito própria, que valorizava a qualidade da informação que veiculava, mesmo que isso lhe retirasse popularidade. O texto intitulava-se “*Diário de Lisboa*: quarenta e seis anos e uma promessa de renovação” e dizia, entre outras coisas, que a celebração da história de um jornal é também uma celebração da própria profissão de jornalista:

O director do *Diário de Lisboa*, dr. Norberto Lopes, declarava no editorial do dia do 46.º aniversário do prestigioso vespertino lisboeta que “este jornal começou por não se parecer com nenhum outro, devendo uma grande parte do acolhimento que o público lhe dispensou à mocidade de espírito que presidia à sua factura diária, à honestidade dos seus processos e à imparcialidade dos seus juízos críticos”. E acrescentava: “E assim tem permanecido pela vida fora, procurando servir o interesse público mais do que o interesse próprio, sacrificando por vezes a popularidade fácil de conquistar a uma linha de rumo da qual não se afastará, seguindo sempre a mesma rota, em vez de navegar ao sabor da corrente e à mercê dos ventos predominantes.”

O editorial intitulava-se “Continuidade, fidelidade”. Continuidade da acção levada a cabo e fidelidade aos princípios que a informam. Nesse mesmo dia (...), esse rumo e o seu pensamento orientador eram reafirmados. Mas, ao mesmo tempo, fazia-se um anúncio: o jornal vai entrar numa fase de intensa actualização e reestruturação técnica. Observava, a propósito, o dr. Norberto Lopes, que em breve os colaboradores do *Diário de Lisboa* sentirão os “efeitos benéficos de uma acção eficiente e prometedora que pressupõe uma iniciativa ousada e uma larga visão do futuro”.

Promessa que não pode deixar indiferentes os jornalistas. Os que naquele vespertino trabalham e os que dão o seu contributo a outros órgãos da Imprensa. É que o *Diário de Lisboa* constitui para os profissionais do jornalismo um exemplo. “Sacrificando por vezes a popularidade fácil”, como afirmou o seu director, utiliza processos honestos e não altera a sua linha de rumo em concessões a gostos e modas que poderiam revelar-se rentáveis. E, cónscio dos seus deveres, não hesita em adoptar posições que podem desagradar ao grande público, agindo sempre, nos louvores como na crítica, com isenção que nunca foi desmentida. Razões que justificam, estas, a congratulação dos jornalistas portugueses, por saberem que o *Diário de Lisboa* vai registar nova

etapa numa carreira que honra o jornalismo. (*Jornalismo*, n.º 1, Abril de 1967, p. 7).

De igual forma, aquando da comemoração dos 25 anos do *Diário Popular*, o assunto foi divulgado no boletim, engrandecendo esta publicação e o trabalho por si desenvolvido. O tributo dos “homens” de *Jornalismo* intitulou-se “*Diário Popular: um quarto de século*” e enumerava algumas das qualidades deste periódico, um jornal independente e educativo.

“Uma das mais puras e das mais belas criações do jornalismo pátrio e uma das mais fortes realizações da própria profissão” é o “*Diário Popular*”, segundo palavras que escreveu o seu director, Prof. Martinho Nobre de Melo, no editorial do dia do 25.º aniversário do vespertino lisboeta. Outros termos encomiásticos para os jornalistas e o Jornal encontrámos nesse artigo e noutros que aparecem a lume nas páginas do número comemorativo, juntamente com a expressão unânime de um sentimento de confiança (por vezes orgulho quase desmedido...) no “*Diário Popular*”.

Devemos, porém, reconhecer que é justificado o orgulho dos homens do “*Diário Popular*”. “Jornal independente, jornal ao serviço do povo português, dos pequenos e dos humildes, jornal informativo e educativo, com a nítida percepção de que mesmo no jornalismo de informação pode e deve haver um jornalismo de missão” (Prof. Martinho Nobre de Melo), o “*Diário Popular*” conquistou apenas em um quarto de século posição preponderante na Imprensa portuguesa, mercê de dois factores que estão sempre na base do êxito de qualquer empreendimento jornalístico: o trabalho entusiástico de uma equipa redactorial coesa e tecnicamente bem apetrechada e a orientação acertada da Administração. Isto ouviu-se, por estas e outras palavras, no habitual banquete que assinala o aniversário do Jornal – um aniversário que não pode ser indiferente aos jornalistas profissionais, já que festejou um empreendimento para eles honroso. (*Jornalismo*, n.º 4, Outubro de 1967, p. 7).

Na edição n.º 5, de Dezembro de 1967, dedicam-se quatro páginas à homenagem feita ao jornalista Norberto Lopes⁷, que havia recebido o “crachá de ouro dos jornalistas”. O momento é aproveitado para se palestrar sobre o laureado e para mostrar o interesse que o acontecimento despertou em toda a classe:

O Sindicato dos Jornalistas atribui ao Dr. Norberto Lopes, o “crachá” de ouro da classe, que lhe será entregue nos primeiros dias de Janeiro de 1968.

A notícia da distribuição foi saudada em toda a Imprensa – tanto na Metrópole como no Ultramar – com manifestações de aplauso que permitem aferir da projecção nacional do homenageado e do respeito que lhe votam colegas e admiradores. Um jantar promovido por um grupo de jornalistas reuniu cerca de quatrocentas pessoas. (*Jornalismo*, n.º 5, Dezembro de 1967, p. 14).

⁷ Jornalista, natural de Trás-os-Montes, que trabalhou nos jornais: *O Século*, *A Pátria*, *Última Hora*, *Diário de Notícias* (do qual foi, com Pinto Quartin, fundador) e *Diário de Lisboa*. Foi presidente da Direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa e membro da comissão organizadora da Caixa de Reformas dos Jornalistas.

Foram várias as personalidades que falaram sobre o homenageado (Ferreira de Castro, escritor, e Leopoldo Nunes, jornalista, por exemplo). Martinho Simões (1967, p.14), também jornalista e associado do Sindicato, foi escolhido para discursar em nome da instituição, tendo realçado que mesmo com as dificuldades que o jornalismo comportava, Norberto Lopes soube sempre lutar pelos valores da sua profissão:

Quando, em cinquenta anos de uma profissão esgotante, que é luta em cada minuto que passa, se conquista o respeito de amigos, de inimigos e até dos indiferentes; quando se constrói, vivendo sempre na primeira linha de combate pela notícia, pela actualidade, pelo interesse do bem público, pelo progresso do seu jornal; quando, sujeito a condicionais sem número, se vence, tendo por únicas armas a modéstia, a ponderação, a agudeza de espírito, a honestidade e a coragem; quando servir no Jornalismo é sinónimo de desprezo por vaidades ou vantagens pessoais; quando a incompreensão nem alcança anular a esperança; quando, à custa de sacrifícios de toda a ordem, usando de processos verticais, se contribui, decisivamente, para o bom nome de um jornal e se o conduz, por caminhos rectos, para o lugar cimeiro que ele ocupa hoje na Imprensa portuguesa; quando nunca se abdica de princípios fundamentais, mesmo que isso ocasione prejuízos de ordem comercial e pessoal; quando não se hesita em renunciar, porque a renúncia é a única solução honrosa – então, quando é assim, quando o jornalista conseguiu ser, por uma vida inteira, por cinquenta anos de trabalho ininterrupto, igual a si próprio e respeitou valores que são imutáveis no tempo e no espaço, somos nós – e não ele – que devemos estar orgulhosos de o termos por camarada; somos nós – e não ele – que devemos estar agradecidos, porque ele valiosamente ajudou a dignificar a profissão. E pobre será, como recompensa de tão assinaláveis méritos, a oferta de um “crachá”.

O Dr. Norberto Lopes é um sacerdote do Jornalismo.

No mesmo número do boletim, homenageia-se outro jornalista que também completava cinquenta anos de carreira e de dedicação ao jornalismo: Félix Correia. É novamente Martinho Simões (1967, p. 30) quem faz “as honras da casa” ao dedicar-lhe umas letras, enaltecendo o seu trabalho e enumerando algumas das suas conquistas.

Há cinquenta anos que o Félix Correia é jornalista. O que é muito, mesmo para aqueles que nunca passaram da mediania na profissão. E o Félix não é desses.

Para o Félix, os jornais não foram nunca – não são – um meio de ganhar a vida. Sempre representaram a própria vida, o que ela tem de mais nobre, de mais são, de mais puro. O Félix quis ser – e é – um Jornalista com letra grande. Andou na guerra de Espanha, entrevistou Hitler, percorreu, com igual brilho, todos os caminhos do Mundo e todos os géneros da profissão. Podia ter alcançado honras e proveitos – mas não quis. Preferiu permanecer na humildade e na modéstia que lhe favoreciam a independência, de que sempre foi avaro. Em troca, o Félix nunca hesitou em lutar pela razão e pela justiça, nem que lutasse por uma causa perdida.

O Félix fez cinquenta anos de jornalista. Honrou o Jornalismo como poucos, inalteravelmente honesto, desprendido de vantagens e distinções, com a simplicidade dos homens de verdadeiro talento.

Como já se disse, em *Jornalismo* discorria-se sobre prémios atribuídos a jornalistas e/ou a jornais. Num artigo intitulado “Melhores Artigos sobre a Costa do Sol”, publicado em Abril de 1967 no boletim, aborda-se esse mesmo assunto, descrevendo-se este prémio, o respectivo júri e nomeando-se todos os contemplados:

Foram atribuídos os prémios dos “Melhores Artigos sobre a Costa do Sol” referentes a 1966. (...)

Foram apreciados numerosos artigos, quase todos de alto mérito literário, tendo sido distinguidos com primeiros prémios os trabalhos de Fernando de Castro Pires de Lima e Nuno Rocha, publicados, respectivamente, no “Diário de Notícias” e “Diário Popular”, e o de Elsie Lessa, publicado no jornal “O Globo” do Rio de Janeiro.

O júri resolveu também distinguir os trabalhos de João Martinho de Freitas e Júlio Conrado no “Jornal da Costa do Sol”, de Lopes de Oliveira no “Correio do Vouga”, de Luz Barbosa no “Correio do Minho” e de Maria Incenso em “O Comércio de Gaia”, bem como os publicados na revista brasileira “Reportagem” e no jornal “Voz de Portugal”, da Venezuela, respectivamente por Urbiratan Silva e Juan António Iglésias. A estes últimos, o presidente da Junta de Turismo deliberou atribuir prémios aos nacionais e medalhas aos estrangeiros. (*Jornalismo*, n.º 1, Abril de 1967, p. 27).

De forma similar, Nuno Rocha, após ser galardoado com o “Prémio Afonso de Bragança”, vê o acontecimento ser descrito nas páginas de *Jornalismo*:

Nuno Rocha (...) foi justamente distinguido com o mais alto galardão concedido em Portugal aos jornalistas profissionais.

O Prémio Afonso de Bragança, atribuído pela Secretaria de Estado da Informação, assinalou a série de reportagens que efectuou em Moçambique, dando conta objectivamente da luta que se trava naquela província ultramarina.

Esses trabalhos, reunidos em livro, com o título “Guerra em Moçambique”, exprimem o fulgor estilístico e a objectividade de um jornalista que é essencialmente repórter e como tal homem de acção empenhado no testemunho da vida e dos dramas do seu tempo. Observe-se, aliás, que o nosso camarada para já distinguido com vários prémios de jornalismo, em Portugal e na Espanha, é autor da outra obra, “França – Emigração Dolorosa”, que se encontra esgotada. (*Jornalismo*, n.º 9, Julho de 1969, p. 29).

A morte de profissionais de jornalismo de referência, portugueses ou estrangeiros, também costumava ocupar as páginas de *Jornalismo*. A 29 de Setembro de 1968 falecera

Judah Benoliel e no n.º 8 do boletim, saído em Novembro do mesmo ano, é publicado um texto de “homenagem”, assinado por N. R. (1968, p. 25).

A morte, em 29 de Setembro, do grande repórter fotográfico Judah Benoliel deixou uma profunda mágoa em todos os seus camaradas de jornalismo. Benoliel conseguira, em 26 anos de profissão, elevar-se a um plano de excepcional relevo, ganhando o direito de poder considerar-se um dos maiores nomes da reportagem fotográfica portuguesa. A sua morte foi sentida não só pelos que privaram intimamente com ele, como por quantos o conheceram no trabalho quotidiano de ilustrar o noticiário do Diário Popular, de cuja redacção fez parte desde a fundação daquele vespertino (...)

Simples e aparentemente ingénuo, Benoliel possuía o segredo da notícia. A sua máquina foi sempre disparada no momento preciso. A sua presença verificou-se, sempre, no local mais próprio. (...)

O combate pela melhor foto, travou-o Benoliel sempre que foi chamado para um serviço. E, quantas vezes, ele próprio fazia a notícia, com uma imagem arrancada do caminho de casa para o jornal.

Jornalismo não podia deixar de arquivar nas suas colunas estas palavras sobre Benoliel. (...) Morreu um dos “nossos”, um dos que, (...) permaneceu a vida inteira apaixonado pelos jornais, desprezando situações de maior privilégio financeiro.

A morte deste saudoso camarada permite-nos, também, escrever uma breve nota marginal: (...) Aquela manhã em que Benoliel foi a sepultar, não se apagará da memória dos que foram dizer-lhe o último adeus. (...) Nem ministros, nem financeiros, nem actores, nem mesmo os inúteis que Benoliel tantas vezes fotografou e atirou para as páginas do jornal, foram despedir-se dele. Eis uma lição para aprender. A morte do querido Benoliel avivou essa monumental ingratidão dos homens para com os jornalistas. Mas também é certo que é essa ingratidão que faz a nossa glória e que nos dá os revérberos inapagáveis de um lugar à parte na sociedade, pois somos os únicos em condições de conhecer de perto a inferioridade e a mesquinhez dos que a compõem...

Desta vez, o momento é também aproveitado para se fazer uma crítica àqueles que eram ingratos para com os jornalistas, ingratidão essa que, no entanto, contribuía para a glória destes profissionais.

3 Considerações finais

Em jeito de conclusão, pode-se afirmar que a inserção de textos onde se noticiavam as mais variadas solenidades jornalísticas – homenagem a jornalistas (anos de carreira, prémios, etc.), a publicações (aniversário, prémios, etc.), a artigos (melhor artigo sobre algo, etc.), a fotografias (melhor fotografia, por exemplo) – era mais uma forma que os jornalistas encontravam para fazer o louvor da sua profissão, reconhecendo-lhe importância e

grandeza, e dos seus profissionais, destacando nomes e enfatizando datas. No fundo, procurava-se elevar a autoestima destes profissionais.

Estas peças reflectem *momentos de celebração* da profissão de jornalista. São espaços que permitem aos profissionais olharem orgulhosamente para si próprios com sentido de pertença a um corpo profissional importante e útil à sociedade. Mesmo a informação sobre prémios ganhos por jornalistas, ou a que os jornalistas poderiam concorrer, trabalha nesse sentido, mas também faculta a esses profissionais perceberem que poderiam ter recompensas extras pelo bom exercício profissional, o que constituiria, certamente, um incentivo às *boas práticas profissionais*.

A inclusão destas peças justificava-se pela necessidade que este grupo profissional tinha de enaltecer e, consequentemente, enobrecer a profissão de jornalista e o jornalismo. Ao mesmo tempo, também visava a recompensar os que, por alguma razão, eram considerados modelos a seguir. Estas matérias alimentam, no entanto, um *mito* – o mito de que o jornalismo depende do talento e capacidade de indivíduos mais do que do trabalho de um colectivo de indivíduos num contexto organizacional, social e cultural. Esta interpretação não exclui que o talento, o mérito, a criatividade, em suma, a capacidade individual de certos jornalistas, ou seja, a sua *acção pessoal* sobre o jornalismo, não contribua para moldar a actividade, ou diferenciar os vários jornalisismos que se fazem. Mas o jornalismo faz-se, em grande medida, no colectivo – e daí o peso dos constrangimentos organizacionais e sociais, das rotinas e doutros factores na configuração do produto jornalístico (cf., por exemplo, a revisão de SOUSA, 2006, pp. 107-162).

Referências

- CABRERA, Ana. **Marcello Caetano: Poder e Imprensa**. Lisboa, Livros Horizonte, 2006.
- CORREIA, Fernando e BAPTISTA, Carla. **Jornalistas: Do ofício à profissão. Mudanças no jornalismo português (1956-1968)**. Lisboa, Caminho, 2007.
- CUNHA, Alfredo da. **Jornalismo nacional. Das malogradas associações de imprensa à alvitrada Ordem dos Jornalistas Portugueses**. Conferência proferida na Sociedade de Geografia de Lisboa, em 8 de Maio de 1941. Separata do *Boletim do Sindicato Nacional dos Jornalistas*, n.º 2. Lisboa, Sindicato Nacional dos Jornalistas, 1941.
- R., N. Judah Benoliel – um fotógrafo que honrou o jornalismo. **Jornalismo**, n.º 8, Novembro de 1968, p. 25.
- SIMÕES, Martinho, Félix Correia: meio século de jornalismo. **Jornalismo**, n.º 5, Dezembro de 1967, p.

30.

SIMÕES, Martinho, Homenagem ao Dr. Norberto Lopes. **Jornalismo**, n.º 5, Dezembro de 1967, p. 14.

SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS. “Diário de Lisboa”: Quarenta e seis anos e uma promessa de renovação na continuidade. **Jornalismo**, n.º 1, Abril de 1967, p. 7.

SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS. “Diário Popular”: um quarto de século. **Jornalismo**, n.º 4, Outubro de 1967, p. 7.

SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Homenagem ao Dr. Norberto Lopes. **Jornalismo**, n.º 5, Dezembro de 1967, p. 14

SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Melhores Artigos sobre a Costa do Sol. **Jornalismo**, n.º 1, Abril de 1967, p. 27.

SINDICATO NACIONAL DOS JORNALISTAS. Nuno Rocha galardoado com o Prémio Afonso de Bragança. **Jornalismo**, n.º 9, Julho de 1969, p. 29.

SOBREIRA, Rosa. **Os Jornalistas Portugueses 1933-1974. Uma profissão em construção**. Lisboa, Livros Horizonte, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. **Os pioneiros da teorização do jornalismo em Portugal e a definição do território do jornalismo e dos jornalistas**. Culturas Midiáticas, vol. II, n.º. 2, Julho/Dezembro de 2009, 2009a.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media**. 2ª edição revista e ampliada. Porto, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2006.

SOUSA, Jorge Pedro (coord.) *et al.* **O pensamento jornalístico português: Das Origens a Abril de 1974**. 2 volumes. Covilhã, Livros LabCom, 2010.

SOUSA, Jorge Pedro. **A discussão sobre a introdução do ensino superior do jornalismo em Portugal: Das primeiras menções ao primeiro curso de graduação**. [On-line]. Verso e Reverso, ano XXIII, 2009/3, n.º 54, 2009b.

TRAQUINA, Nelson (Org.). **Do chumbo à era digital. 13 Leituras do jornalismo em Portugal**. Lisboa, Livros Horizonte, 2010, pp. 53-70.

VALENTE, José Carlos. **Elementos para a história do sindicalismo dos jornalistas portugueses. I Parte (1834-1934)**. Lisboa, Sindicato dos Jornalistas, 1998.

VERÍSSIMO, Helena Ângelo. **Os jornalistas nos anos 30/40: Elite do Estado Novo**. Coimbra, MinervaCoimbra, 2003.

The journalistic solemnities in *Jornalismo* (1967-1971), publication of the Sindicato Nacional dos Jornalistas

Abstract

This study aimed to describe, using a qualitative analysis of interviews, feasts on the contents of journalistic character in *Jornalismo*, published by

the Sindicato Nacional dos Jornalistas (1967-1971), determining: (1) how that publication has been said about the feasts of journalistic nature; and (2) wich symbolic frameworks discursively constructed in that publication about those events.

Keywords

Journalism history, journalists, solemnities of journalistic nature.

Las solemnidades de carácter periodístico en *Jornalismo* (1967-1971), publicación de lo Sindicato Nacional dos Jornalistas

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo describir, mediante un análisis cualitativo de lo discurso, los contenidos sobre las solemnidades de carácter periodístico en *Jornalismo*, publicación de lo Sindicato Nacional dos Jornalistas (1967-1971), determinando: (1) cómo en esta publicación se ha dicho sobre las solemnidades de naturaleza periodística; y (2) cuáles los marcos simbólicos discursivamente contruídos en esta publicación sobre los eventos.

Palabras-clave

La historia del periodismo, periodistas, solemnidades de carácter periodísitico.

Recebido em 04/04/2011

Aceito em 30/11/2011

Copyright (c) 2012 Autor(es) / Copyright (c) 2012 The author(s)
The copyright of works published in this journal belong to the authors, and the right of first publication is conceded to the journal.
Due to the journal being of open access, the articles are of free use in research, educational and non-commercial activities.

